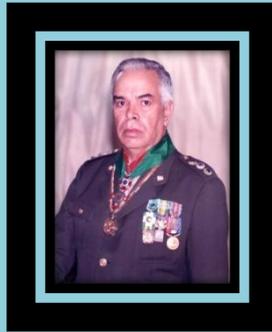


A REVOLUÇÃO DE 1842 NO VALE PARAÍBA - SESQUICENTENÁRIO (A REVOLTA DE SILVEIRAS)

Pesquisa impressa abordada e distribuída amplamente no XI Encontro do IEV em Paraíba do Sul em 23.24 e 25 julho 1992, pelo autor do IEV em Resende – Itatiaia). Colaboração da Gazetilha LTDA Volta Redonda.



Veterano Cel Eng e Estado –Maior Cláudio Moreira Bento



Na capa: Alegoria do patrono de cadeira na FAHIMTB Alcebiades Miranda Jr do ataque revolucionário a Queluz (Conselheiro Lafaiete) em 26 jul 1842, contante da História do Exército Brasileiro...v.2,p.501. Na reconquista de Queluz, participaram Guardas Nacionais de Resende e redondas

LIVRO DIGITAL

Capa por Camila Karen C.S Renê, com a orientação do autor.

SUMÁRIO

Introdução p.2

A Revolução de 1842 no Vale do Paraíba p.3

**O Combate de Trincheira de 12 Julho 1842 a meia légua de
Silveira p.4**

**A testemunha muda da Bravura e do Martirio do Capitão Manoel
Jose Silveira p.5**

**“Povo que não conhece a sua história corre o risco de repetí-
la”, afirmou Santanap.5**

**Note-se por onde andou o Barão de Caxias, não houve
saques p.6**

Currículo cultural sintético do autor p.7

Curriculo da autora da capa e do Sumário.9

Introdução

Com a abdicação de D. Pedro I em 7 abril 1831, o Brasil entrou em fase anárquica e turbulenta, marcada por motins, revoltas e revoluções, as quais só tiveram fim 13 anos mais tarde, com a pacificação da Revolução Farroupilha pelo Barão de Caxias, em Dom Pedrito, em 1 ° de março, o que representou também a pacificação da Família Brasileira e a manutenção da Unidade Nacional. Pois nem a Maioridade de D. Pedro II conseguira reunificar os brasileiros agitados em função do Ato Adicional de 21 de agosto 1834 que dera maior autonomia às províncias. Assim, de 1831-1842 haviam ocorrido as seguintes revoluções ou revoltas: A Cabanagem no Pará, Pernambuco e Alagoas; a Farroupilha no Rio Grande do Sul e Santa Catarina; a Sabinada na Baía; a Balaiada no Maranhão e as liberais de São Paulo e Minas Gerais: As três últimas e mais a Farroupilha foram

pacificadas pelo Barão de Caxias, o que lhe valeu o singular e honroso título com que foi consagrado pela História - o de Pacificador, o que honra sobretudo o atual Estado do Rio de Janeiro onde ele nasceu e morreu. Morreu as margens do rio Paraíba que contemplou nos dois últimos anos de vida, da fazenda Santa Mônica em Valença. As revoluções de 1842 em Minas Gerais e São Paulo e a extensão desta no Vale do Paraíba e, fora da jurisdição do barão de Caxias como se verá, tiveram por motivação disputas entre liberais e conservadores, quando os últimos conquistaram o poder e os liberais mobilizaram-se

para derrubá-los sob o argumento de verem no Gabinete Conservador indícios de autoritarismo, nas leis que criaram o Conselho de Estado, reformaram o Código Penal, que criaram as chefias de Polícia nas províncias e, no ato de dissolução da Assembléia Geral. E neste contexto que eclode a Revolução de 1842 em São Paulo e que veio a envolver o Vale do Paraíba ao norte do Taubaté.

A Revolução de 1842 no vale do Paraíba

Transcorreu de 17 mai-2º ago 1992, o sesquicentenário das revoluções de Sorocaba-SP e Barbacena-MG que foram pacificadas pelo Barão de Caxias. Mas, trabalhos sobre as mesmas, em maioria, omitem manifestações radicais daqueles movimentos e dos que a combateram no Vale do Paraíba, na denominada Revolta de Silveiras que envolveu o caminho Rio-São Paulo no trecho Lorena-Silveiras-Areas-São José do Barreiro-Bananal-Piraí, onde reinava no auge o rei Café e, onde as paixões políticas atingiram altíssima temperatura, fazendo com que a violência aí, da revolução e da contra revolução, fossem maior e atingissem caráter sanguinário e de vindita.

Segundo Aluísio de Almeida, patrono de Delegacia da FAHIMTB em Sorocaba –SP os liberais da região levantaram-se em revoltas locais, sem comando único, organização, visando pessoas e terminou sendo a região de São Paulo que mais sofreu com a guerra civil que estourou na Província.

Em Lorena, em 31 mai de 1842 foi formado um Diretório Revolucionário, decorridos 9 dias de Caxias haver chegado em São Paulo, organizado a defesa da cidade e feito a defesa da mesma, em Mogi das Cruzes e Jacareí, face ao Vale do Paraíba. O Diretório derrubou as autoridades de Lorena e a dominou. Era seu chefe o padre Manoel Teotônio de Castro. O Tenente i Anacleto Ferreira Pinto, membro do Diretório e fazendeiro em Silveiras para lá partiu com 400 homens que reuniu, para depor a maior autoridade local, o Capitão Manoel José da Silveira, da família que deu nome ao local e que, escudado em 60 partidários, entrincheirou-se em seu sobrado, atual Casa Paroquial, onde apresentou, com muita valentia, memorável resistência ao cerco a que foi submetido pelo Tenente Anacleto, em 2 junho, e que durou até o meio dia de 3, quando rendeu-se com promessa de garantia de vida. Segundo Aluiziode Almeida. E ao sair desarmado, mal ele apontou na porta, se ouviram alguns tiros e o Capitão . Manoel José caiu morto com a cabeça escangalhada. O seu

cadáver foi jogado no meio da rua e depois o arrastaram até a sua fazenda, com a barriga rasgada e partidos todos os seus ossos num estado lastimável. E assim o Tenente Anacleto ficou senhor de

Silveiras. Em 25 mai, em Taubaté, foram arrancados da cadeia e linchados dois conservadores.

Então, o Vale do Paraíba de Taubaté para o norte, era tributário comercial do Rio de Janeiro. Como medida cautelar o Império anexou, de 18 jun-29 ago, ou por dois meses e 13 dias, ao Rio de Janeiro, as localidades paulistas de Guará, Lorena, Cunha, Queluz, Silveiras, Areas e Bananal. As duas últimas quizeram permanecer nesta situação após a paz. A articulação do movimento era feito pelo Clube dos Patriarcas Invisíveis, liderado, segundo alguns, pelo comendador Joaquim de Souza Breves, aspirante à Presidência da Província do Rio de Janeiro, riquíssimo fazendeiro proprietário de 6.000 escravos e de 20 fazendas, entre estas a Esperança e atual do Banco, em Resende e patrimônio da Academia Militar (AMAN). Em Piraí, segundo ainda Aluísio de Almeida, ele possuía **“uma fazenda-fortaleza com muralha de 40 palmos de altura e uma só entrada por escada de pedra e forte porta.”** Dali ele ameaçava e incutia medo aos conservadores. Pressionado, buscou proteção em Bananal onde o líder liberal e apoio financeiro ao movimento de Silveiras era Antônio José Nogueira. Caxias, ao contrário do que se vem afirmando, não teve ingerência nas operações contra os revolucionários no Vale do Paraíba. As operações mais de carácter policial do que militar foram conduzidas pela Província do Rio de Janeiro a qual a região em foco foi anexada temporariamente, conforme mencionado.

Em Areas, em 21, 22 e 24 junho, os revoltosos atacaram 200 homens enviados do Rio pelo litoral, dos quais 120 do Corpo de Permanentes da Corte (atual Polícia Militar do Rio de Janeiro) e 50 do Batalhão de Fuzileiros Provisório nº2 ,1 Batalhão Defesa do Trono, ao comando do cel. Pedro Paulo Moraes Rego que salvou os Permanentes de um lance infeliz de seu comandante Castrioto. Após terem entrado

sem reação em Guará, os soldados legais marcharam sobre Silveiras.

O Combate de Trincheira de 12 Julho 1842 a meia légua de Silveira

Em 12 jul, das 11 as 15 horas, distante meia légua de Silveiras, no local

hoje conhecido como Trincheiras e balizado por um cruzeiro, foi travado o maior e o mais sangrento e disputado combate da Revolução de 1842 em São Paulo. Isto decorridos 22 dias da pacificação da Revolução de Barbacena, em Minas, que já dava sinais de declínio e um dia antes de Caxias conhecer em Guaratinguetá que fora nomeado para pacificar Minas, após viagem Taubaté-Lorena.

Em 12 jul, ao amanhecer, o cap. Manoel Antônio da Silva a frente de 120 Permanentes do Rio defrontou-se com 500 homens, em sua maioria escravos, ao comando do Tenente Anacleto e bem intrincheirados a meia légua de Silveiras. E teve lugar um combate feroz e encarniçado que durou 4 longas horas e que encheu o campo com os corpos de cerca de 50 mortos, dos quais 42 revolucionários. O combate só foi abreviado pela conquista, após um desbordamento, de um morro que flanqueava as trincheiras e que assim caíram pela manobra dos Permanentes.

A violência gera a violência! A violência inaudita contra o mártir e herói silveirense Capitão Manoel José da Silveira, chacinado inerte em defesa de sua autoridade legítima, provocou grande violência de parte do Permanentes do Rio que foram autorizados a realizar o que passou a história como o Saque de Silveiras. O Batalhão Defesa do Trono chegou, após findo o combate e permaneceu em Bananal, até ser dissolvido em 16 nov. Ele teve a missão de vingar os mortos a serviço do Império. A casa do Anacleto considerado o maior responsável pelos tristes acontecimentos em Silveiras foi invadida e saqueada. Reclamações feitas não foram atendidas, uma vez que aos revoltosos foram imputadas as culpas pelos acontecimentos. E um cronista assim interpretou os fatos repressivos.

A testemunha muda da Bravura e do Martirio do Capitão Manoel Jose Silveira

：“Os céus responderam ao bárbaro assassinio do delegado de Silveiras - o mártir e herói Capitão Manoel José Silveira.” cujo sobrado, testemunha de sua bravura e martírio, hoje abriga a Casa Paroquial de Silveiras. “

“Povo que não conhece a sua história corre o risco de repetí-la”, afirmou Santaina.

E este episódio é rico em lições para o Vale do Paraíba. Na Revolução de 32, os revolucionários em Silveiras apresentaram vigorosa resistência em combates que duraram de 3-12 dias, chegando ao ponto

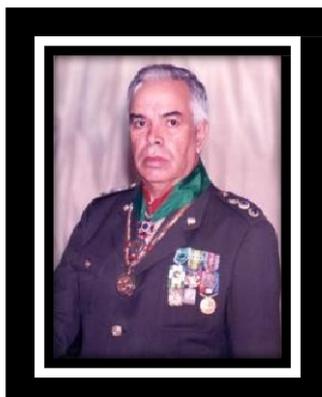
de inflingirem um revés ao 19º Batalhão de Caçadores, E foi segundo registros, mais uma vez alvo de saques e depredações e ponto focal da resistência revolucionária. Aluísio de Almeida autor mais preciso histórico da Revolução de 1842 em São Paulo e, em realidade, o cônego Luiz Castanho de Almeida, grande historiador sorocabano e grande autoridade no Troperismo, o qual em Silveiras é reverenciado em Monumento e com a Festa do Tropeiro, em agosto, E escreveu a certa altura lamentando a violência de ambos os contedores na Revolução em foco no Vale do Paraíba.

“Note-se que por onde andou o Barão de Caxias não houve saques!”.

E como dissemos, Caxias não teve atuação nos fatos aqui descritos que foram reprimidos por forças enviadas pela Corte e ao comando da Província do Rio de Janeiro. São fatos que merecem um maior aprofundamento e que estão bastante cobertos pela patina do tempos. Ouvimos num Simpósio um participante afirmar a participação do Fuzileiros Navais de nossa Marinha participaram do combate da Trincheira. Pois confundiu um Batalhão de Fuzileiros Policial com fuzileiros navais. Uma injustiça, a corrigir..

Em Resende, o líder local Cel da Guarda Nacional Fabiano Pereira Barreto impediu que a revolta atingisse Barra Mansa e Resende e os atuais Volta-Redonda, Quatis e Itatiaia, pois realizou com a Guarda Nacional a cobertura da fronteira Rio de Janeiro- São Paulo. Tão logo soube da revolta em Lorena, segundo o Presidente da Província do Rio de Janeiro, ao Ministro da Justiça, o Cel Fabiano reuniu a Guarda Nacional e a colocou em estado de choque (ordem e marcha). E sua energia contribuiu para que a vila de Resende se comportasse tão brilhantemente e foi um dos que mais se distinguiram pela cooperação no restabelecimento da ordem legal em Minas Gerais, ao marchar para Queluz (Conselheiro Lafaiete atual), segundo documento que Itamar Bopp publica em **A Família Pereira Barreto**. Fabiano era filho do Capitão Miguel Pedroso Barreto, gaúcho filho de Triunfo e que foi em 1801 o primeiro Tabelião de Resende, além de fazendeiro. E pai do Dr. Luiz Pereira Barreto o introdutor do café Bourbon em São Paulo, o resendense do século XIX.

CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO



Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento **Historiador e pensador militar. Memorialista e Jornalista**

(X) Coronel Claudio Moreira Bento nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Turma Asp Mega Eng AMAN 1955. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na Republica Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da **História do Exército perfil Militar de um Povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980 Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, além de diversos artigos Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980. E autor de mais de 110 obras (Álbuns livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site . Seu último livro foi sobre **Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, do quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército , comissão para estudar e propor a localização do Museu

do Exército, a qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS, na construção do Tronco Ferroviário Su, considerado serviço de natureza nacional relevante. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petropolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. É cidadão itajubense, itatiaense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN, ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre e no NPOR de Pelotas, e Itajuba e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes, para ser lançado neste ano de 2022, Bicentenário da Independência, a obra **Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançará seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. Este ano completará 91 anos de idade. Se Deus quiser! Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão!** Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170. Site www.ahimtb.org.br. E-mail



Camila Karen Costa Santos Renê. Nasceu em 13 de novembro de 2001, filha de Daniel Renê de Oliveira e da pedagoga Josiane Costa Santos Renê. E possui a irmã Gabriela. Estudou no Colégio Estadual Olavo Bilac de 2012 a 2019 onde cursou o ensino fundamental e o ensino médio.

Trabalhou como secretária do Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) de 30 de outubro de 2017 a 20 de dezembro de 2019 e, a partir desta data, como secretária particular do historiador Cel Cáudio Moreira Bento.

Cursa Direito na Associação Educacional D. Bosco (AEDB) desde Fevereiro de 2022.

Foi condecorada pela Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, como Cavaleiro do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, por sua destacada contribuição a História Militar Terrestre do Brasil e também como Colaboradora Emérita da extinta FAHIMTB.

Escreveu o livro digital **Relação de Diplomas, Medalhas, Troféus e etc no apartamento do Cel Bento em Resende-RJ.**

Camila segundo o Cel Bento:

“Camila iniciou a trabalhar comigo aos 15 anos, em outubro de 2017, quando cursava o 1º ano do Curso Médio no Colegio Estadual Olavo Bilac. Trabalhou comigo na sede da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) que eu havia fundado em Resende-RJ em março de 1996, a qual foi logo acolhida pela Academia Militar das Agulhas Negras AMAN.

E convidei seus pais, por ser Camila menor, para ver onde ela trabalharia. Eu me responsabilizei por ela. Ela trabalhava 3 vezes por semana, a tarde. Pois de manhã cursava o Curso Médio.

E Camila logo demonstrou grande vontade de aprender. Era muito aplicada, responsável e respeitosa. E logo passou a dominar o computador como habil digitadora e digitalizadora. Não precisava mais que uma explicação. Ela captava logo e executava o solicitado e era muito estimada pelos funcionários da Biblioteca da AMAN que me apoiavam. E também passou a dominar por completo o uso do Celular.

Em 20 de Dezembro 2019 com a extinção da FAHIMTB, por falta de recursos para a manter, em razão da extinção de meu contrato de Prestador de Tarefa para escrever e publicar a História do Exército e rompimento do apoio financeiro que de

longa data recebia da FHE–POUPEX, tive de fundar independente 5 AHIMTBs que até então eram subordinadas a FAHIMTB e na esperança que elas dessem continuidade ao trabalho da extinta FAHMTB.

E passei a trabalhar, ou melhor, me divertir continuando a escrever sobre a História do Exército por conta própria. Pois quem faz o que gosta e sabe fazer, não trabalha se diverte!

E contratei Camila para comigo trabalhar de acordo com as Leis Trabalhistas, para que ela pudesse patrocinar seu estudos de Direito na Faculdade de Direito da Fundação Educacional D.Bosco, na qual vem se destacando por suas boas notas.

Depois de 6 anos é muita expressiva a contribuição da Camila para o desenvolvimento da História do Exército Brasileiro em especial. Por agilizar a produção de meus livros e artigos sobre História Militar e os encaminhando ao meu filho, o Veterano Capitão de Mar e Guerra Carlos Noberto Stumpf Bento, que desde a fundação da FAHIMTB criou e administra meu site www.ahimtb.org.br. Desenvolvimento rápido de meus Livros e Plaquetas, graças aos seus notáveis conhecimentos de Informática, que aprendeu sem curso e por curiosidade e do uso do Celular, além de realizar meus serviços de Bancos e Correios. Tudo com elevada presteza e dedicação exemplares.

Enfim, Camila tornou-se uma valiosa e prestimosa acessora deste historiador e jornalista. Desenvolveu uma boa capacidade e criatividade de fazer as capas de meus Livros e Plaquetas digitais e até estará sendo co-autora de alguns de meus livros digitais.

Esta é a jovem e dedicada Camila Karen que trabalha há 6 anos comigo e que a considero hoje uma espécie de bisneta do coração, pois até o momento não possuo bisnetos. Até ela respondeu todas as minhas perguntas sobre Informática e sobre o uso do Celular. Ela já construiu um belo nome, e votos de que ela continue a enriquecer o seu nome. Pois é muito importante em nossas vidas construir um belo e confiável nome.”

Trabalho reformulado e atualizado em Fevereiro de 2024.